O SERTÃO EM JOSÉ DE ALENCAR

Francisco Adnaldo Carneiro da Silva (PIBIC/Fundação Araucária/UEPG), Deborah Scheidt (Orientadora), e-mail: franciscocbi@hotmail.

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Estudo da Linguagem / Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes.

A temática rural na literatura

Palavras-chave: Romantismo, sertão, José de Alencar, O sertanejo.

Resumo
O objetivo deste artigo é refletir sobre a perspectiva adotada por José de Alencar (1829-1877) para tratar da temática "sertão" como espaço literário na obra O sertanejo, publicada originalmente em 1875. O artigo contextualiza Alencar no Romantismo brasileiro, analisa a origem etimológica da palavra "sertão" e, por fim, estuda o sertão como espaço literário e panorama para o desenvolvimento das ações heroicas do protagonista de Alencar. Conclui-se que, na tentativa de valorizar a natureza e a cultura nacionais, Alencar idealiza o sertão cearense e eleva o protagonista sertanejo Arnaldo Louredo à posição de herói.

Introdução

Em um país recém independente que acabara de romper o domínio colonial, com uma identidade literária ainda não consolidada, fortemente influenciada pela literatura europeia, Alencar sentiu a necessidade de preconizar uma literatura própria do Brasil, que a diferenciasse da literatura da metrópole europeia. Por meio de seus romances, Alencar queria valorizar o país perante os próprios brasileiros e perante o mundo. Com esse intento, tentava mostrar um Brasil idealizado, que precisava ser visto e conhecido como um país de grande valor.

Era preciso dotar a recente nação de um passado histórico glorioso, a exemplo das antigas civilizações e, ainda mais, era preciso heróis de virtudes gloriosas. (SILVA, 2010 p. 73). Os indígenas Peri, Iracema e Ubirajara realizam essa função nas chamadas "obras indianistas" do autor. Mas Alencar também é considerado um dos precursores do sertanismo na literatura brasileira e em seu último romance, aparece um dos primeiros heróis sertanejos de nossa história literária: Arnaldo Louredo, descendente de indígenas e portugueses, homem rústico, porém profundo conhecedor da natureza brasileira, capaz de suportar a seca que assolava o sertão e realizar proezas semelhantes às do cavaleiro medieval europeu.

Materiais e Métodos

O SERTÃO COMO ESPAÇO LITERÁRIO

A palavra "sertão" aparece no Brasil junto com seu descobrimento, inscrita no primeiro documento da história brasileira, considerado por muitos, a "certidão de

nascimento" do Brasil, ou seja, na Carta de Pero Vaz de Caminha, de 1500, enviada ao então Rei de Portugal D. Manuel: "Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque a estender os olhos não podíamos ver senão terra e arvoredos, que nos parecia muito longa terra" (CAMINHA, 2003, p.115).

O trecho da carta de Caminha citado acima fazia referência à terra encontrada como um lugar coberto de mato, desabitado, a alguma distância da orla do mar. Já nos dicionários atuais como o Houaiss, por exemplo, a palavra também se refere a lugar longe do litoral, mas principalmente a regiões áridas. Em A conquista do sertão de Antônio Celso Ferreira e Rogério Ivano, encontramos a seguinte afirmação:

> No século XVI, os portugueses chamavam de sertão toda a terra que se estendia, desconhecida, diante do litoral, todo o território que se abria para além da costa onde aportavam com seus navios. Podia ser na Ásia, na África, na América – em todo o vasto império do reino de Portugal, sertão eram os grandes espaços do interior, pouco ou nada conhecidos. (FERREIRA; IVANO, 2002, p.4).

O espaço sertanejo foi de grande importância na literatura brasileira, pois ele caracterizava o espaço nacional tornando-o distinto da Europa. Além de contextualizar uma região brasileira de grande importância histórica e cultural, o sertão e a literatura nele inspirada contribuíram para aguçar a crítica social da nação brasileira.

O SERTÃO EM *O SERTANEJO*

A obra se inicia num tom nostálgico, em que o narrador sente o sertão perder sua primitiva rudeza:

> Esta imensa campina, que se dilata por horizontes infindos, é o sertão de minha terra natal.
> Aí campeia o destemido vaqueiro cearense, que à unha de cavalo acossa o touro indômito no cerrado mais espesso, e o derriba pela cauda com admirável destreza.
> Aí, ao morrer do dia, reboa entre os mugidos das reses, a voz saudosa e plangente do rapaz que aboia o gado para o recolher aos currais no tempo da ferra.
> Quando te tomarei a ver, sertão da minha terra, que atravessei há muitos anos na aurora serena e feliz da minha infância?
> Quando tornarei a respirar tuas auras impregnadas de perfumes agrestes, nas quais o homem comunga a seiva dessa natureza possante?
> De dia em dia aquelas remotas regiões vão perdendo a primitiva rudeza, que tamanho encanto lhes infundia. (ALENCAR, 2007, p.4)

O sertão em *O sertanejo* é apresentado por Alencar de uma forma positiva, idealizada, cheia de nostalgia. É lugar de luta e cobiça, casa do herói brasileiro, onde o gado barbatão cresce desordenadamente nas matas, região em crescimento como é mostrado logo nas primeiras páginas.

É possível perceber que a seca em *O sertanejo* não é tratada com grande preocupação, é um elemento que enobrece ainda mais esse espaço e também o sertanejo, possibilitando que ele seja um herói que chega a ser comparado com os heróis da literatura medieval europeia. Podemos imaginar isso ao ler o capítulo "*Desmaio*" quando Arnaldo arrisca sua própria vida para salvar a de sua amada que se encontrava em apuros cercada por labaredas que facilmente se espalhavam pelo sertão de Quixaramobim. "O incêndio, causado por alguma queimada imprudente,

propagava-se com fulminante rapidez pelas árvores mirradas que não passavam então de uma extensa mata de lenha" (ALENCAR, 2007, p.6).

Após dar uma demonstração de um sertão seco, fácil de ser consumido pelo fogo, encontramos no capitulo "*A montearia*" um espaço com água em abundância. "Além a várzea, levemente ondulada como um regaço, e coberta de grandes lagoas formadas pelas águas das chuvas recentes" (ALENCAR, 2007, p.73), cheio de vida animal e vegetal "A terra combusta, onde não se descobria nem mesmo uma raiz seca de capim, vestia-se de bastas messes de mimoso, que a viração da manhã anediava como a crina de um corcel. E eram já tão altas as relvas do pasto, que se inclinando descobriam as reses ali ocultas" (ALENCAR, 2007, p.73).

Encontramos atitudes heroicas em Arnaldo desde o primeiro capitulo, antes mesmo de sua apresentação, quando o escritor narra sua viagem por dias às escondidas sem ser percebido por ninguém a fim de proteger a comitiva do capitão-mor Gonçalo Pires Campelo, mas principalmente Dona Flor. Um exímio conhecedor da natureza, "quando menino, correra por ali atrás dos macacos e saguis que o não venciam na agilidade, pois agarrava-os à mão nas grimpas da floresta" (ALENCAR, 2007, p.21). Arnaldo era capaz de dormir no topo das árvores e dominar os animais mais selvagens da natureza como na noite em que dormiu na copa de uma árvore e teve a visita de uma onça que que não lhe causou qualquer receio e outra em que trouxe uma onça que assustava os moradores da Oiticica puxada pela orelha como se fosse um gato. "Nessa ocasião ramalhou o mato; logo depois abriu-se a folhagem e apareceu Arnaldo puxando pela orelha, uma onça enorme, que o seguia gacheiro e humilde" (ALENCAR, 2007, p.37).

Apesar de sua capacidade de domínio dos animais, Arnaldo mantém uma relação de respeito com eles como podemos ver no episódio em que a onça importuna seu sono no topo da árvore e ele não faz mais que a espantar com a ponta do pé sem nenhuma preocupação. Outra dessas passagens acontece no capítulo "Jura" quando a mãe de Arnaldo tem a ajuda de uma cabra para procurá-lo no mato depois de mais um de seus sumiços e quando se encontram ele conversa com a cabra como se esta fosse gente "Já sei, respondeu o rapaz afagando o pescoço da cabra; foi sua comadre que mandou chamar-me e aí vem. Não é? Fazendo um aceno ao inteligente ao animal, Arnaldo foi ao encontro da mãe; esta que vinha perto correu a abraçá-lo, apenas o avistou". (ALENCAR, 2007, p.56).

O invencível boi Dourado foi outro que foi dominado pelo sertanejo, no entanto, Arnaldo não tem a audácia de apresentar sua presa para não o desmoralizar, apenas o tranquiliza dizendo:

> – Fique descansado, camarada, que não o envergonharei levando-o à ponta de laço para mostrá-lo a toda aquela gente! Não; ninguém há de rir-se da sua desgraça. Você é um boi valente e destemido; vou dar-lhe a liberdade. Quero que viva muitos anos, senhor de si, zombando de todos os vaqueiros do mundo, para um dia, quando morrer de velhice, contar que só temeu a um homem, e esse foi Arnaldo Louredo. (ALENCAR, 2007, p.90)

Resultados e Discussão

Conclusões

No livro *O sertanejo,* José de Alencar retrata uma região caracteristicamente brasileira de forma idealizada, como um espaço grandioso, local ainda não completamente explorado, não corrompido pelas mazelas sociais e políticas. O sertão de Alencar já demonstra ser seco e árido, porém isso ainda não é uma

desvantagem, pois a seca e a vegetação característica da caatinga servem para ressaltar as qualidades heroicas do sertanejo brasileiro, que é hábil cavaleiro e boiadeiro. A narrativa também proporciona um equilíbrio das estações, pois Alencar toma o cuidado de descrever também o sertão após a estação chuvosa, como um paraíso para o renascimento da vida. Por fim, Alencar representa o sertão como espaço romanesco, com típicos traços das antigas novelas de cavalaria, com Arnaldo Louredo como um equivalente brasileiro do herói de cavalaria medieval, o que afirmaria a igualdade de valor das tradições brasileiras quando comparadas às do Velho Mundo.

Agradecimentos
A elaboração deste trabalho não teria sido possível sem a colaboração, estímulo e empenho especial da professora orientadora Drª Déborah Scheidt, do corpo docente do Departamento de Estudo de Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa e dos colegas de curso de Letras. Devo muito àquela que considero a base de tudo, minha família, em especial minha esposa e meu filho. A todos meus sinceros e eternos agradecimentos.

Referências

ALENCAR, José de. O Sertanejo. São Paulo: Martin Claret, 2007.
CAMINHA, *Pero Vaz de. A carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L&PM, 2003
CANDIDO, Antônio *O Romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2002.
FERREIRA, Antônio Celso; IVANO, *Rogério A conquista do sertão* – São Paulo 2002
IBGE.2009 *Atlas das Representações Literárias das Regiões Brasileiras Sertões* Brasileiros1 Volume2
SILVA, Flávia Mariano da. *A ideia de sertão em José de Alencar: um estudo a partir de o Sertanejo* / Flávia Mariano da Silva. – 2010